

# BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

PROF. MELLO LEITÃO  
SANTA TERESA — E. E. SANTO — BRASIL

---

SÉRIE ZOOLOGIA — N<sup>o</sup> 76 — 20/1/1974

---

## BEIJA-FLORES DO BRASIL - II

GÊNEROS: DORYFERA e RAMPHODON

AUGUSTO RUSCHI  
Museu Nacional

### GENERO DORYFERA Gould, 1847

*Doryfera* Gould, Proc. Zool. Soc. London, pt. 15, 1847, p. 95  
Tipo, *Trochilus ludovicae* Bourcier & Mulsant (Gray, Cat. Gen. Subgen.  
Bds. 1855, p. 22).

### CARACTERES DO GENERO

Bico reto, mais longo do que o dobro da cabeça, negro, fino, bruscamente mais largo na base, com mandíbulas serruladas na parte apical, com dentes obtusos, com apenas leve curvatura na parte mais elevada do culmen. Cauda curta reforçada, com retrizes muito largas, na extremidade subangulosas. Fronte com placa muito iridescente. Sexos bem diferenciados. Fig. nr. 35 da Chave de Gen. Este Gênero possui duas espécies e quatro subespécies. No Brasil, só uma espécie está representada pela subespécie.

#### DORYFERA JOHANNAE GUIANENSIS (Boucard), 1893

*Hemistephania guianensis* Boucard, The Humming Bird, III, 1893, p. 10. (Merumé e Rio Carimang, Guiana Britânica).

NOME LOCAL: BICO DE LANÇA DE FRONTE AZUL.

NOME INGLÊS: BLUE-FRONTED LANCE-BILL.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Zonas Tropical e Subtropical, montanhosas, do sul da Venezuela e Guiana Inglesa e norte do Brasil. Na Venezuela: nos Territórios do Amazonas: nas montanhas Paraque, Yavi, Guanay, Camani, Parú, Yapacana e Duida; no Território Bolívar, nas montanhas da Gran Sabana: Roraima, Pau-rai-tepui, Chimantá-tepui, Ptari-tepui, Aprada-tepui, e Auyentepui. Montanha Guaiquinima, Sabana, Canaracuni, Taracunina, Cerro Tabaro e Cerro el Negro. Na Guiana Inglesa: Montes Roraima e Merumé. No Brasil: Na Região do Roraima, na Serra de Pacaraima em altitude de 1.000 a 1.700ms. e nas nascentes do Rio Cotingo.

HABITAT: Vive na Província da Hiléla. Nas Savanas e Scrubs, em altitudes variáveis, de 1.000 a 1.700ms.

MIGRAÇÃO: é pequena migratória.

DESCRIÇÃO: Macho com a fronte azul metálico iridescente, com reflexos violetas; nuca bronze avermelhado. Parte dorsal verde bronzeado; supracaudais azul pardacento. Cauda negra com azul aço. Parte

ventral negro esverdeado nos flancos mais verde; inferocaudais azul violeta escuro. Retrizes negras; as externas e sub-externas com apice bronzeado tendo a porção externa com uma fina faixa esbranquiçada. Cto. 100mm. Asa 56mm. C. 31mm. Bico 26mm. Fêmea: com fronte verde metálico iridescente, nuca e dorso como no macho, supracaudais azul muito claro, cauda negra com azul aço. Parte ventral inteiramente cinza pardo, com leve reflexo esverdeado, inferocaudais cinza azulado. Retrizes centrais preto azulado aço, as demais com larga faixa terminal bronze acinzentada. Cto. 93mm. Asa 55mm. Cauda 30mm. Bico 27mm. Bico negro. Peso 4,8grs. Temperatura 41,5 graus C. Vibrações de asa: 30 p. segundo no macho.

**BIOTOPOS PARA: NIDIFICAÇÃO, BANHO, CANTO, DESCANSO, PARADA NUPCIAL E DORMIR.**

O ninho de *Doryfera johannae guianensis*, é semelhante ao das demais espécies do mesmo Gênero, pertence ao Terceiro Tipo e 3º Sub-Tipo da Classificação de A. Ruschi, pois é todo confeccionado de musgo, tendo só a parte interna da câmara oológica forrada de paina de bromeliáceas, gramíneas, compostas, etc. estava suspenso em raízes pendentes de felicitinas epífitas, a quase dois metros de altura do solo; tendo as seguintes medidas: Alt. externa 6cms. Alt. Int. 3cms. Diam. Int. 3cms. Diam. Ext. 7cms. Os ovos mediam 15x9,2mm. Peso 0,50grs. O ninho foi encontrado no dia 30 de janeiro de 1955 e os jovens nasceram após 15 dias de incubação. Como em todas as espécies da família, só a fêmea cuida do ninho, da incubação e da prole. Não observei o dia da saída dos jovens uma vez que tive de mudar-me das nascentes do Rio Cottingo, para outro da Serra de Pacaraima; mas creio que entre 20 e 25 dias os jovens devem deixar o ninho, como é mais comum para todas as espécies. O banho de preferência foi observado em poças de água límpida, onde sobrevoa o local por várias vezes e se detém em escolher o ponto exato onde se vai lançar em imersão, o que faz por diversas vezes e saindo para um pouso por sobre o córrego, para retornar e após segue para o local onde faz a higiene da plumagem, ruflando as asas e sacudindo as gotículas de água que cobrem as remiges e retrizes, passando e repassando o bico para arrumação das barbúlas e enfim para o devido embricamento das mesmas. O canto dessa espécie é chilreado, seguido de curtos e agudos assóvios. O ponto preferido para descanso é a média altura, entre ramos abertos, onde a luz filtrada do sol possa atingi-lo, aí também realiza seu canto. Para dormir se abriga entre o emaranhado da floresta baixa. A parada nupcial é seguida de vôos razantes em direção da fêmea e as vezes, vindo de um ponto muito mais alto, desce em piqué, parecendo que vai atingi-la, pois o bico vem com a ponta em vertical, mesmo quando trava o vôo muito próximo da eleita, contínuo com o bico, trazendo a ponta como uma lança em direção a parte dorsal da fêmea, que por sua vez alça a cabeça em direção ao macho e ameaça agredi-lo e se ele insiste, logo ela alça vôo em sua direção, afugentando-o para longe. Na fase de exibição da plumagem, o macho se prosta em vôo de libração diante da fêmea, que se acha no pouso preferido, e ele ao cotejá-la, se vai aproximando em vôo de libração, de cauda distendida, e em ângulos em curvatura de até 180º continua de um para outro lado, de quando em vez abre o bico parecendo desejar agredi-la, pois avança com o bico aberto em sua direção, seguindo-se

com canto e chiado, também expõe sua fronte iridescente no momento do paroxismo e assim a fêmea fazendo uma posição especial, em que seu bico fica quase horizontalmente distendido em relação ao corpo e a cauda um pouco elevada, convida a consumir-se a cópula.

**RECONHECIMENTO EM SEU HABITAT:** sua coloração negra e azul, com a fronte azul iridescente do macho, e a fêmea cinza esverdeado, com a fronte iridescente verde ou verde azulado, ambos de bico negro, reto, fino e longo em proporção ao seu pequeno porte, logo a distingue, em seu habitat, que é nas savanas e scrubs, próximo da floresta.

**OBSERVAÇÕES:** é uma espécie muito belicosa e bastante temida por muitas outras que frequentam seu habitat, especialmente nos locais onde há plantas floridas suas preferidas para a busca de alimento, como: *Cathandra* sp., *Inga* sp., *Vochysia* sp., *Salvia* sp., *Fuchsia* sp., algumas Rubiáceas, Verbenáceas, Papilionáceas, Nietagináceas, Anacardiáceas, Bignoniáceas, Zingiberáceas, Lorantáceas, Labiadas, Agaveáceas, Passifloráceas, Cactáceas e Rosáceas, conforme pude observar na região do Roraima na Serra de Pacaraima, onde capturei os exemplares que figuram na coleção do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, já referidos.

**Material examinado de procedência de regiões do Brasil:** Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, nr. 9.001 — Roraima. Serra Pacaraima, Nascentes do Rio Cotíngo — em 14-2-1955. Território do Roraima. Col. A. Ruschi. Macho; Peso: 4,8grs. Altitude 1.000ms. Cto. 100; A. 56; C. 31. B. 26. Nr. 9.002 — Roraima. Serra Pacaraima — Rio Cotíngo. Território do Roraima. 24-2-1955. Fêmea; Peso: 4,6grs. Cto. 93. A. 55. B. 27. C. 30.

Esse material foi comparado ao existente no A.M.N.H. e ao do Museu da S.I. bem como o material da Coleção Phillips em Caracas, Venezuela; em nada difere, senão por terem nesses Museus, mais abundante material, onde há exemplares mais adultos, em que a coloração da fronte da fêmea tem totalmente verde azulado ou verde iridescente, essa região, o que não acontece com o nosso exemplar, que algumas penas dessa região estão iridescentes.

#### GENERO **RAMPHODON** Lesson, 1830

*Ramphodon* Lesson, *Traité d'Orn.*, liv. 4, 1830, p. 287. Tipo *Trochilus naevius* Dumont.

#### CARACTERES DO GENERO

Bico quase totalmente reto, sendo levemente arqueado na porção apical, comprimento quase igual ou pouco maior do que a metade do corpo, machos, quando muito adultos com gancho no apice da maxilla; mandíbulas fortemente serruladas denteadas no quarto ou terço apical; mandíbula inferior amarela ou branco puro, com a ponta mais escura. Cauda longa, quando estendida muito arredondada; retrizes largas, atenuadas obtusas para o apice, nunca vermelhas na base; com uma faixa post-ocular enegrescida, e uma linha superciliar amarelo claro ou branco. Fêmeas com bico pouco mais curvo. Fig. nr. 2 da Chave de Gen. Sexos semelhantes.

Este Gênero possui duas espécies, ambas representadas no Brasil.

**Chave para a determinação das espécies:**

Maiores, com mandíbula amarela, mento enegrecido, retrizes laterais com larga faixa negra na base, peito e abdomen estriado com largas faixas negras ..... **Ramphodon naevius**

Menores, com mandíbula branca, mento e todo o corpo inferiormente canela claro, retrizes todas bronze dourado. . **Ramphodon dohrni**

**RAMPHODON NAEVIUS** (Dumont), 1818.

**Trochilus naevius** Dumont, Dict. Sci. Nat. éd. Levrault, 10, 1818, p. 55  
Corcovado, Rio de Janeiro. Brasil.

**NOME LOCAL:** BEZOURÃO RAJADO; BELJA-FLOR GRANDE DA MATA

**NOME INGLÊS:** SAW-BILLED HERMIT.

**DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA:** Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Só no Brasil.

**HABITAT:** Vive na Província Tupi, na Mata, próximo aos Rios e Córregos, desde 30 até 1.000 metros de altitude.

**MIGRAÇÃO:** é pequena migratória.

**DESCRIÇÃO:** Macho. Lado dorsal, bronze avermelhado, penas estriadas como escamas enegrecidas, com a cabeça mais escura; supracaudais com a faixa terminal canela mais larga; linha post-ocular negra e superciliar longa amarelada. Parte ventral; mento com penas negras de bordos claros amarelados, que descem em linha até o peito; lados do pescoço canela claro; peito e barriga pretos com margem das penas brancas, sendo amareladas na parte mais inferior; inferocaudais canela claro com faixa enegrecida em disco ou alongada, as maiores indo até metade do comprimento das retrizes externas; retrizes medianas e sub-medianas bronze violáceo as sub-medianas com pequeno ponto no apice esbranquiçado, as demais com grande parte da base negro aço e o restante para o apice canela claro, sendo esta faixa mais longa pela parte externa. Bico quase reto, maxila negra, nos machos muito adultos, as vezes com gancho; mandíbula amarela com extremidade negra. Cto. 160. A. 78. C. 56. B. 35. Peso 9,0 a 10 grs. **Fêmea:** Fêmea de coloração semelhante ao macho, pouco menor, tendo muito menor a faixa negra do mento, que raramente se liga até o peito. Cto. 145. A. 65. C. 47. B. 35. Peso 9,5grs. Temperatura: 41,5 graus C. Vibrações de asa 18 p.s. no macho.

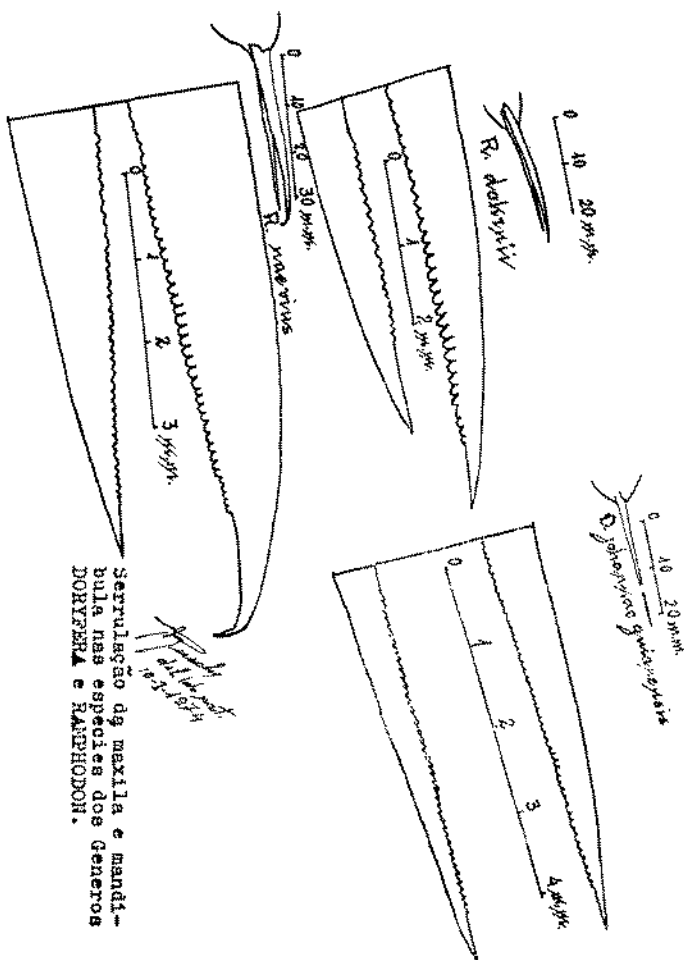
**BIOTOPOS PARA:** NIDIFICAÇÃO, BANHO, CANTO, DESCANSO, PARADA NUPCIAL E DORMIR.

O local preferido para nidificação de *R. naevius*, é na mata virgem e sempre suspenso na ponta da pinula de palmeiras; muitas espécies de palmeiras são usadas, entre as quais destaco as espécies dos Gêneros: *Astrocaryum*, conhecidas por Tucum; *Bactris*, *Desmonchus*, *Euterpe*, *Attalea* e *Arycureiroba*, em altura que varia de 2 a mais de 20 metros; sempre fica

na página inferior, para ficar abrigado da chuva, pois o vento não lhes acarreta danos, pois a cauda pendentes da base do ninho, serve justamente para dar-lhe equilíbrio e assim não ocorrer o despejo da postura. Pertence ao 1º Tipo da Classificação de A. Ruschi, ou seja é confeccionado de fibra tirada dos pinulos da folha de palmeiras e de crinas de outras plantas e mesmo de animais e ainda de felíceas, deixando que se perceba a postura, através do trançado das mesmas. Também tem preferência em edificar o ninho nas folhas de palmeiras que ficam pendentes por sobre o Rio ou córregos. Os ovos medem 18x11,5mm. e pesam 1,10grs. o período de incubação é de 16 dias, os jovens deixam o ninho com 23 dias. O ninho tem as seguintes dimensões: Alt. externa até 20cms. A. I. 3,5cms. D.I 3,5cms. D.E. 4cms. A posição da fêmea no ninho é a mesma mantida para as demais espécies de beija-flores que constroem o ninho do primeiro e 2º Tipos da Classificação de ninhos de A. Ruschi, conforme ilustração na parte de ninhos, e criação em cativeiro. O banho é sempre tomado na água límpida do córrego ou Rio, sobrevoando o local, para assegurar-se que não há perigo, etc., para após lançar-se a água e volver para um ponto apropriado para fazer a higiene da plumagem. O banho de sol é também realizado em local onde a luz solar penetra filtrada em um ponto da floresta, quando no pouso de descanso, sendo seu local preferido para vê-lo cantando; o seu canto é sem dúvida o mais alto de todas as espécies do Brasil, pois são três assovios seguidos de intervalo de 1/2 segundo de um para o outro, com uma sílaba cada: fi, fi, fi, e quando em vô, é um fraseado muito prolongado e rico de modulações, além de ser bastante alto e prolongado; seu sinal de alarme é muito forte e rapidíssimo, repetindo a mesma sílaba mais de 5 vezes por segundo, e que se segue por vários segundos, 10, 20 e mais, dizendo: txé-txé-txé-txé... A parada nupcial é rica de movimentos de vô e também de canto que o acompanha, pois na exibição da plumagem, a cauda aberta do macho em vô que rodeia a fêmea, parando em seguida para exhibir em seu paroxismo a estria do mento e garganta, enegrecida, bem iriçada para a frente e assim vai chilreando, até a conquista final, precedida desse vô de libração frente a eleita. Também durante o descanso em pouso, costuma ficar balançando a cauda, como o fazem outras espécies também dos Gêneros: *Glaucis*, *Phaetornis*, *Threnetes* e *Eutoxeres*. É espécie muito belicosa e muito agressiva, principalmente para com indivíduos da mesma espécie, e nas proximidades do ninho a fêmea afugenta todo e qualquer pássaro que se lhe aproxime.

**RECONHECIMENTO EM SEU HABITAT:** é muito fácil reconhecer na mata onde habita qualquer das espécies de *Ramphodon*, pois, se está descansando, o seu canto de assovio se faz sentir, quebrando o silêncio da mata, e se está em movimento e perpaça sobrevoando o córrego ou Rio, logo seu canto de alarme se faz sentir; e se o vô se faz em silêncio e se estiver próximo a quem o deseja reconhecer, o ruído de tonalidade grave é característico e se percebe algum movimento, logo lança-se em vô veloz, com seu canto de alarme; também sendo o maior beija-flor da Província Tupi, com coloração visivelmente diversa, pois o corpo machetado de preto e branco com a plumagem, parecendo carijó escuro, com o longo e grosso bico reto, nos dá a conhecê-lo.

**OBSERVAÇÕES:** na floresta visita constantemente as flores de *Heliconias*, de muitas espécies de *Bromeliáceas*, de várias leguminosas, especialmente do Gênero *Inga*, e também de muitas *Marantáceas*, *Zingiberáceas* e outras, podendo ainda ser observado em laranjais e bananais, cuja plantação se encontra nas proximidades da mata, pois apreciam muito o nectar dessas plantas. Não cremos ser esta espécie existente nos dias atuais em Rio Claro, no Estado de Goyaz, onde foi capturada em 1887 conforme examinei no British Museum Natural History, e também em Minas Gerais, como citam Cat. e Check List of Birds of the World de J. L. Peters e E. Simon pg. 4 e 247.



MATERIAL EXAMINADO NAS DIVERSAS COLEÇÕES ESTUDADAS: Conforme a etiquetagem:

Inst.	Nr.	data	Procedência	Cto.	A.	C.	B.	sexo	Alt.	peso grs.	Coll-
M.B.M.L.	9003	23-9-1956	S. Teresa — E.S.	145	62	47	35	f.	680	7,8	A. Ruschi
"	9004	14-8-1943	S. Teresa — E.S.	150	72	53	35	m.	680	9,0	A. Ruschi
"	9005	8-9-1964	S. Leopold. — E.S.	148	74	52	37	m.	545	9,5	A. Ruschi
"	9006	27-6-1961	Joinville — SC.	145	75	57	32	m.	80	9,5	A. Ruschi
"	9007	18-7-1961	Joinville — SC.	145	76	58	34	m.	80	9,2	A. Ruschi
"	9008	10-7-1961	Joinville — SC.	150	80	55	33	m.	80	9,5	A. Ruschi
"	9009	14-7-1961	Joinville — SC.	150	70	50	32	m.	80	8,5	A. Ruschi
"	9010	26-6-1956	Rio Janeiro — RJ.	153	78	56	35	m.	50	9,0	A. Ruschi
"	9011	10.11-1963	S. Leopold. E.S.	148	72	53	35	m.	540	9,5	A. Ruschi
"	9012	29-7-1943	S. Teresa — ES.	160	70	54	36	m.	560	9,3	A. Ruschi
"	9013	17-5-1935	Rio Janeiro — RJ.	140	74	54	35	m.	50	—	A. Ruschi
M.N.	18.362	7-4-1923	Meio Serra — R.J.	—	—	—	—	m.	—	—	E. Snethlage
"	18.363	13-3-1929	H. Humboldt — S.C.	—	—	—	—	—	—	—	E. Snethlage
"	22.363	8-4-1941	EBMN — S. Teresa — ES.	—	—	—	—	m.	—	—	A. Ruschi
"	875	—	Brasil	—	—	—	—	—	—	—	—
"	876	—	Brasil	—	—	—	—	—	—	—	—
"	18.367	—	Brasil	—	—	—	—	—	—	—	—
"	18.368	—	Brasil	—	—	—	—	—	—	—	—
"	18.369	—	Brasil	—	—	—	—	—	—	—	—
"	18.360	—	Brasil	—	—	—	—	—	—	—	—
"	18.361	—	Brasil	—	—	—	—	—	—	—	—
"	20.379	-1941	Parati — Rio Janeiro	—	—	—	—	m.	—	—	H. F. Béria
"	20.380	-1941	Parati — Rio Janeiro	—	—	—	—	f.	—	—	H. F. Béria
"	20.381	-1941	Parati — Rio Janeiro	—	—	—	—	f.	—	—	H. F. Béria
M.Z.	364	8-1899	Alto da Serra — S. Paulo	—	—	—	—	f.	—	—	Lima
"	4.832	9-1904	Alto da Serra — S. Paulo	—	—	—	—	m.	—	—	Lima
"	5.222	2-1905	Ubatuba — S. Paulo	—	—	—	—	m.	—	—	Garbe
"	5.604	5-1905	Ubatuba — S. Paulo	—	—	—	—	m.	—	—	Garbe
"	5.605	5-1905	Ubatuba — S. Paulo	—	—	—	—	f.	—	—	Garbe

"	15.874	9-1934	Cananéa — S. Paulo	—	—	—	—	f.	—	—	Camargo
"	15.875	8-1934	Ilha do Cardoso - S. Paulo	—	—	—	—	m.	—	—	Camargo
"	9.450	—	— S. Paulo	—	—	—	—	f.	—	Expos.	—
"	1.908	1900	Colônia Hansa - S. Cat.	—	—	—	—	—	—	—	Ehrhardt.

A.M.N.H.  
1ª Sér.

37013	Brasil — Ex. Bow.	—	70	54	36	m.	—	—	—
37011	Cayenne	—	68	57	36	—	—	—	Boucard

Esse exemplar estou certo estar com a procedência da etiquetagem trocada, pois jamais foi encontrada para o norte do E. E. Santo no Brasil, e mesmo no E. E. Santo, só ao sul do Rio Doce.

2ª Sér.

46.184	—	Brasil	—	71	51	33	—	—	—
478.685	1-XI-1901	S. Sebastião — S. P.	139	62	50	31	f.	—	—
478.688	—	Brasil	—	71	51	33	—	—	—
437.408	—	—	—	64	59	32	—	—	—
37.012	—	—	—	64	50	33	—	—	—
46.183	—	—	—	73	52	34	—	—	—
478.681	3-1905	Ubatuba — S.P.	—	65	47	32	m.	—	Garbe
478.683	10-6-1901	S. Sebastião — S. P.	159	76	63	33	m.	—	—
478.684	11-6-1901	S. Sebastião — S. P.	161	73	56	33	m.	—	—
478.682	21-6-1901	S. Sebastião — S. P.	160	72	55	33	m.	—	—
478.686	17-8-1901	S. Sebastião — S. P.	139	65	52	31	f.	—	—
478.687	—	Brasil	—	75	63	34	m.	—	—

U.S.N.M.

84.197	—	Brasil	—	70	54	38	—	—	A. Wölle
24.787	—	Brasil	—	73	57	38	—	—	Dr. Hermann
148.984	—	Brasil	—	73	52	32	—	—	G.H.B.
25.768	—	—	—	—	—	—	—	—	—
15.782	—	—	—	—	—	—	—	—	—
14.305	—	—	—	—	—	—	—	—	—

A.N.S.P.

48.246	—	Brasil	—	72	63	36	m.	—	Calvin Pardę douç
--------	---	--------	---	----	----	----	----	---	-------------------



## M.C.Z. Harv. U.

20.052	21-8-1901	S. Sebastião — S P.	—	73	58	36	m.	—	—	A. Hempel
366		Brasil Kd. Mount.	—	75	58	36	m.	—	—	

## E.K. Coll.

314.045	3-6-1929	Joinville — SC.	—	73	61	32	m.	—	—	E. Kaempfer
314.044	2-6-1929	Joinville — SC.	—	63	49	30	f.	—	—	E. Kaempfer
314.043	28-5-1929	Joinville — SC.	—	66	43	31	f.	—	—	E. Kaempfer
314.047	22-6-1929	Joinville — SC.	—	65	52	32	f.	—	—	E. Kaempfer
314.046	19-6-1929	Joinville — SC.	—	75	59	32	m.	—	—	E. Kaempfer
314.042	30.5-1929	Joinville — SC.	—	77	58	34	m.	—	—	E. Kaempfer

## B.M.

A Coleção do British Museum, está aqui citada com a numeração das Coleções de: Gould, Natterer, Sclater, R. J. Balston, Rogers & F. D. B., Wucherer, A. Fry, Wallace, A. Robert, R. Graham, E. L. Layard, H. H. Smith, Burton, Youds, Butler, Whitely, Muls. e Verreaux Gounelle; e vários coletores citados nas etiquetas.

1.043	4-1895	Rio	—	62	54	30	f.	—	—	—
1.042	4-1-1895	Rio	—	70	60	35	—	—	—	—
1881	22-3-1887	Rio Claro — Goyaz	—	64	53	31	m.	—	—	—
3-22-18	1887	Rio Claro — Goyaz	—	65	55	35	m.	—	—	—
s.d.	7-4-1813	Rio de Janeiro. Reg. Saf	—	62	57 mandib.	28 f.	—	—	—	Natterer

## Sclater Coleção:

87.3-22-19	1869	Sta. Fé — Minas G.	—	63	51	32	juv.	—	—	Rogers & F.D.G.
------------	------	--------------------	---	----	----	----	------	---	---	-----------------

## R.J. Balston Col.:

953	20-3-1913		—	66	53	partido	m.	—	—	—
-----	-----------	--	---	----	----	---------	----	---	---	---

## J. Gould Coleção:

21		Rio de Janeiro	—	71	61	36	m.	—	—	—
22		Rio de Janeiro	—	70	60	34	m.	—	—	—
23		Rio de Janeiro	—	73	65	35	m.	—	—	—
24		Rio de Janeiro	—	62	53	32	f.	—	—	—
25		Rio de Janeiro	—	64	54	32	f.	—	—	—

**RAMPHODON DOHRNII** (Bourcier & Mulsant), 1852

*Trochilus dohrnii* Bourcier & Mulsant, Ann. Sci. Phys. et Nat. d'Agric. et d'Ind., Soc. nat. etc., Lyon (2), 4-1852, p. 139.

**NOME LOCAL:** BALANÇA RABO. BEZOURÃO DE BICO BRANCO.

**NOME INGLÊS:** HOOK-BILLED HERMIT

**DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA ATUAL:** Espírito Santo e extremo sul da Bahia. Não é mais encontrado em Minas Gerais, Rio Doce, Rio de Janeiro e Ceará.

**HABITAT:** Vive nas florestas virgens da Província Tupi, ao longo dos Rios e Córregos a uma altitude entre 10 a 100ms.

**MIGRAÇÃO:** é espécie sedentária.

**DESCRIÇÃO:** Macho; lado dorsal, bronze-esverdeado, mais escuro na cabeça, supra caudais verdes com bordos marron na faixa terminal, azas de cor sépia, região post ocular marron enegrescido, linha superciliar e auricular brancas ou esbranquiçadas, bico com maxila preta e mandibula branca com ponta preta; lado ventral vermelho canela claro. com mento e garganta pouco mais avermelhado, barriga e abdômem mais claro; inferocaudais maiores, chegando ao meio das retrizes. Retrizes bronze metálico uniforme, tendo a extremidade com uma faixa terminal esbranquiçado sujo. Alguns machos possuem um gancho na extremidade da maxila. Fêmea semelhante, pouco menor e de coloração pouco mais clara, tendo o bico mais curvo, sem gancho apical. Pés brancos. Cto. 118-129; A. 57-67; C. 40.44; B. 25-30mm. Peso 5,5 a 6,5grs. Temperatura 42 graus. Vibrações de aza 26 p.s. no macho.

**BIOTOPOS PARA:** NIDIFICAÇÃO, BANHO, CANTO, DESCANSO, PARADA NUPCIAL E DORMIR.

Esta espécie nidifica na página inferior da extremidade da folha de palmeira, principalmente das espécies dos Generos: *Bactris*, *Attalea* e *Astrocaryum*, a uma altura que pode variar desde um e meio até vinte metros de altura do solo. O seu ninho é do primeiro tipo da classificação de ninhos de A. Ruschi; só a fêmea trabalha na sua construção, incubação e cuidados com a prole. A postura é constituída de dois ovos que medem 17x10mm. pesando 0,76grs.; a incubação se realiza em 16 dias e os jovens deixam o ninho com 22 a 30 dias de idade. O ninho sempre está construído na floresta virgem, não muito longe dos córregos; o material com o qual é construído é idêntico ao da espécie *R. naevius* e também de *Glaucis h. hirsuta*, que também vive na mesma floresta, sendo em muitos casos, encontrado na mesma palmeira, ninhos de ambas espécies em atividade, com as fêmeas trabalhando, incubando e alimentando a prole, sem que haja muita luta; esta luta é travada nos primeiros dias, quando da escolha da folha e local para fixar o ninho, sendo que após ter sido definido e conquistado o local, pela fêmea vencedora, logo a vencida procura outras pinulas da folha do lado oposto da mesma palmeira e raramente ocorrem ataques quando se di-

rigem para suas atividades para alimentação da prole. O ninho que é confeccionado de fibras diversas, seja tirado das pinulas de diversas palmeiras, como de raízes finas de felcínias ou crinas animais, tendo no prolongamento caudal afixados fragmentos de folhas e ramos de diversos tamanhos e ainda externamente alguns líquenes esverdeados e esbranquiçados, de pequeno tamanho. As dimensões do ninho são: Alt. externa até 23 cms. inclusive apêndice caudal; A. I. 4cms. D.I. 3,5cms. D.E. 4 cms. A posição da fêmea no ninho para a incubação é idêntica a das demais espécies que constroem o ninho do primeiro e segundo Tipo de ninho da classificação de A. Ruschi. Esta espécie também escolhe locais de água límpida nos córregos, para o banho matinal e durante o dia; sempre volta ao mesmo local para o banho e isso ocorre em muitos dias por duas, três e mais vezes; ao chegar ao local, so brevoa em rodopios para a verificação e após notar que não há impecilios, lança-se a água de uma altura que chega a dez centímetros, repetindo-se esse gesto por três e mais vezes, para em seguida ir ter ao pouso para a higiene da plumagem, regressando novamente à água e retornando ao mesmo pouso, até que a higiene esteja completa; após passar e repassar o bico pelas retrizes, remíges e tetris e sacudir a cauda e também as azas por muitas vezes, se aquieta por alguns momentos e em seguida alça o vôo para a busca de alimento ou outra atividade. Tem por hábito sobrevoar na mata, seguindo pelos córregos e de quando em vez emitir seu piado característico *si-it*, a cada vez que transpõe o mesmo local de seu percurso. No local de pouso preferido para o banho de sol e para o canto, fica por mais tempo, assim por uma e mais hora, detendo-se com o balançar da cauda, como ocorre com a espécie anterior, e pronunciando um canto muito forte e agudo em frase que repete o monossílabo *fit, fi, fi, fi*, muito agudo, bem semelhante ao de *R. naevius*; durante o banho de sol, também eriça as penas do pescoço, nuca e do dorso, removendo a cabeça para traz e perpaça pelo bico o pé, ora de uma ora de outra perna e com as unhas procura remover os malofagos que o importunam. As vezes, o canto espaçado, que ocorre de 20 em vinte minutos, quando em pouso e pronunciado com apenas três monossílabos *fit, fi, fi*; mas o canto trinado é bastante mais rico de frases chilreadas e longas, como também ocorre com o canto característico de ataque a algum intruso, principalmente da mesma espécie, quando na mesma área de alimentação e em caso de invasão de território de nidificação por alguma outra espécie, então o ataque é mais agressivo e isso se dá mesmo com pássaros de outras famílias, na medida que se aproxima do seu ninho. A parada nupcial nesta espécie é bastante rica de movimentos, sendo que o macho durante a fase de exibição de plumagem, executa com a cauda aberta em leque, vôos em semi círculos ao redor da fêmea, indo e vindo e a região do mento e garganta eriça as penas que são estreitas e longas e emite sons chilreados continuamente, enquanto a fêmea fica imóvel em seu pouso apreciando os movimentos do macho, limitando-se a virar a cabeça para acompanhá-lo em seus vôos de vai e vem, até a conquista final, que é precedida de um vôo mais lento de libração que aos poucos se dirige para a parte dorsal, vinda por detraz da mesma, e realiza a cópula.

**RECONHECIMENTO EM SEU HABITAT:** é muito fácil reconhecer nas matas dos Tabuleiros, da região extremo norte do E. Santo e Sul da Bahia, Vale do Rio Mucuri, pois, quando está descansando, de quando em vez

emite seu forte piado, repetindo o monossílabo já referido, tres ou quatro vezes, com a duração de 3 segundos e assim o faz cada 10, 15 ou 20 minutos, e se há flores de Heliconias, Ingazeiras, Marantáceas, Zingiberáceas e muitas outras de Bromeliáceas e ainda certas orquídeas, como a espécie: *Coryanthes speciosa vittellina* Moren, da qual lhes tira o nectar; quando passa em voo pela floresta o faz geralmente sobrevoando o córrego ou Rio e se está visitando flores de Heliconias ou Inga, o seu ruído de azas é bem característico, pois é lento e de sonoridade grave; distingue-se logo das espécies do Gênero *Glaucis* e *Threnetes* que ali também vivem porque seu bico possui a mandíbula mais reta e branca, tendo o peito e garganta de cor caxial muito mais clara que naquelas e é isento de mácula gatural.

**OBSERVAÇÕES:** Esta espécie nunca foi por nós constatada nos Estados de Minas Gerais e Ceará e Rio de Janeiro, como indica E. Simon em seu Cat. pg. 248 acredito sem qualquer dúvida de erro, que elas foram dall extintas pela destruição do seu habitat. E' esta a espécie de beija-flor cuja extinção se acha seriamente comprometida, pois sua área se está restringindo sempre mais, a cada ano; pois, as matas onde vive estão tendo suas preciosas madeiras extraídas e no restante da floresta a madeira é extraída para carvão vegetal, para o fabrico de ferro gusa. Será a primeira espécie de beija-flor extinta dentro de alguns anos.

#### Material examinado

O typo foi examinado no B.M. *Trochilus dohrni* Bourcier & Mulsant. Ann. Sci. Phys. Nat. Lyon (2) IV — 1852 (d'Agri Ed'Ind) p. 139 "Equador". Gould Col. Conf. assinalou Oliverio Pinto, Rev. Mus. Paulista, 22, 1938, p. 248, a patria como sendo Rio de Janeiro, entretanto sou partidário de que esse exemplar Typo tenha sido originário da Bahia (Sul), de onde provinham maior número de peles naquela data, pois não se conhece material dessa espécie oriundo do Rio de Janeiro.

As medidas tomadas sobre essa pele m/ foram: Cto. 115; Aza 61; Cauda 45 e Bico 24mm. Ainda no B.M. examinei o Typo: *Grypus spixi* Gould, Proc. Zool. Soc. Lond., 1860, p. 304. Mon. Troch. I 1861 pl. 2 Brasil "Supposed" 1888 — 7 — 25 — 61. O exemplar está rotulado como macho e apresenta as seguintes medidas: Cto. 122. A. 70 C. 56 B. 26. tendo a ponta da maxilla partida, faltando uma parte.

Inst.	Nr.	Data	Proced.	Cto.	A.	C.	B.	sexo	Alt.	Peso grs.	Coll.
M.N.	18379	18-11-1925	Baixo Guandú Fazenda União. ES.								
"	879 — E.S.										
"	880 — E.S.										
"	22.303	8-X-43	C. Barra - Corr. Engano. ES.								
"	22.302	15.X-43	Boa Lembrança — ES.	126	67	42	28	m.	100	7,5	A. Ruschi
M.B.M.L.	65	22-9-41	C. Barra - Corr. Engano. ES.	120	65	42	27	m.	100	7,0	A. Ruschi
"	66	26-9-41	C. Barra - Corr. Engano. ES.	115	64	42	28	f.	100	7,5	A. Ruschi
"	172	19-9-42	Baixo Guandú — MG.					f.			A. Ruschi
"	371	26-9-47	S. Mateus — ES.					m.			A. Ruschi
"	417	6-X-47	Rio Mucuri — Bahia					f.			A. Ruschi
"	423	8-X-47	Rio Mucuri — Bahia					m.			A. Ruschi
"	436	25-XI-47	S. Mateus — ES.					f.			A. Ruschi
"	9999	2-1-73	C. Barra - Faz. Klabin — ES.	129	67	44	27	m.	60	6	A. Ruschi
"	8888	14-9-63	Itaúnas — P. Canário — ES.	118	57	40	25	f.	60	6,5	A. Ruschi
"	18800	28-11-72	Faz. Klabin — ES.	115	63	41	27	m.	45	6,5	A. Ruschi
"	18780	6-X-72	Faz. Klabin — ES.	123	62	41	29	m.	45	6,5	A. Ruschi
"	18778	5-X-72	Faz. Klabin — ES.	120	65	44	27	f.	45	6,5	A. Ruschi
"	18895	16-XII-72	Faz. Klabin — ES.	123	59	41	28	m.	45	6,5	A. Ruschi
"	10004	12-7-73	Faz. Klabin — ES.	123	66	41	30	f.	80	6,8	A. Ruschi
M.Z.	6301	I.1906	Rio Doce — ES.					m.			E. Garbe
"	14118	12-1932	Rio Gongogy — Bahia					m.			W. Garbe
A.M.N.H.	317329	28-12-29	B. Guandú — ES.	—	65	47	30	m.	120	—	E. Kaempfer
M.C.Z.H.U.	272761	22-9-42	Rio S. José — E.S.	116	69	51	27	—	—	—	O. Pinto
B.M.	5		E. Santo	—	58	51	26	—	—	—	Gould Coll.
"	Typo Coll. Gould.		Rio de Janeiro	115	61	45	24	—	—	—	—
"	Typo Coll. Gould.		Brasil "Supposed"	122	70	50	26	—	—	—	—